

Editorial

“Anna Bella integra o território da geografia naquele da arte, faz do mapa uma fonte de interrogação poética e não um objeto fechado. A representação é colocada em entredito: da representação do espaço ao espaço da representação” (NAVAS, 2007:23).

O mapa presente na capa desta edição da E&C pode estimular questionamentos variados sobre as formas de apropriação das imagens nos discursos dos geógrafos. A obra, intitulada *Variáveis - o Mundo*, criada pela artista Anna Bella Geiger em 1977 traz, à primeira vista, uma clara desestabilização do discurso normativo associado às imagens. Ao fazer do mapa uma “fonte de interrogação” e não um “objeto fechado”, como aponta o poeta Adolfo Montejo Navas (2007), a artista nos leva a questionar a autoridade do espaço codificado, geométrico, ordenado.

A tradição do uso das imagens na geografia carrega frequentemente a ilusão da semelhança. Ao fotografar o campo, mapear o terreno ou filmar a paisagem, os propósitos de *registro* e *documentação* parecem ter prevalecido nas práticas dos geógrafos. Embora existam alertas antigos de que “o mapa não é o território” (KORZYBSKI, 1947) e que os cartógrafos “são humanos” (WRIGHT, 1942), a fascinação do geógrafo pelo mundo visual segue muitas vezes limitando um olhar mais atento para as formas de produção e circulação das imagens. Ao representar “o mundo” em um mapa onde a projeção Mercator aparece bordada com coordenadas fugidias, Anna Bella Geiger nos leva a questionar essa possível “traição das imagens”, produzindo uma “inversão paródica da lógica cartográfica” (NAVAS, 2007:23).

Esta expressão, *La Trahison des Images*, foi utilizada pelo artista belga René Magritte (1898-1967) para intitular uma série de obras feitas no final da década de 1920. Em sua obra mais famosa, o artista combinou a imagem de um cachimbo com uma célebre frase: “isso não é um cachimbo”. Para além dos conhecidos debates gerados em torno desta obra, que nos “desconcerta pela sua simplicidade” (FOUCAULT, 2006), é interessante notar como muitas pesquisas geográficas seguem sendo traídas pelas ideias de registro e reprodução. Não por acaso, ao produzirem um bem humorado manifesto cartográfico em forma de quadrinhos, Wood e Krygier (2011) fazem referência aos trabalhos de Magritte, abrindo o artigo com um mapa do mundo que ironicamente grita: “*ce n’est pas le monde*”!

Este seria, para Wood (2010), o principal papel dos mapas artísticos: desestabilizar as fronteiras entre imagens científicas e artísticas e desenvolver uma espécie de “contra-mapeamento”, que evidencie a arbitrariedade e a seletividade da cartografia normativa. Para além de serem duplicações ou espelhos do mundo, os mapas, segundo o autor, são imagens que proclamam objetividade e neutralidade (WOOD, 2010). Qualquer cartógrafo sabe que “o mapa é um modelo” (BOARD, 1967: 671), cheio de seletividades e escolhas individuais, mas o ponto destacado por Wood (2010: 18) é que as imagens não são apenas uma representação seletiva e distorcida do mundo, mas sim “proposições de como o mundo deveria ser”.

Esse reconhecimento nos leva a um segundo questionamento relativo ao mapa de Anna Bella Geiger. Ao expandir as coordenadas para além das quadrículas do mapa, a artista também pode sugerir o papel ativo que as imagens têm na “costura” material dos espaços geográficos. As imagens não são, portanto, reproduções ou modelos de um mundo pré-existente, elas participam do processo de criação do mundo, tecendo nossas formas de imaginar e agir sobre a superfície terrestre.

As preocupações aqui expostas, considerando as seletividades das imagens e sua participação ativa na construção do espaço geográfico, nos conduzem a uma definição bastante abrangente do que entendemos por imagem. Mesmo em se tratando de um número especial sobre o uso das imagens nas práticas de pesquisa dos geógrafos, não se pretende aqui adotar uma definição fechada do termo. Segundo Mitchell (1986: 9), mais interessante do que definir o que é uma imagem seria discutir como estas são apropriadas por uma série de discursos disciplinares. A proposta do autor seria, portanto, considerar as imagens como uma “família”, que inclui membros muito distantes como “figuras, estátuas, ilusões óticas, mapas, diagramas, sonhos, alucinações, espetáculos, projeções, poemas, padrões, memórias e até mesmo ideias”.

Enquanto uma “intenção dirigida a um objeto ausente” (SARTRE, 2009: 9), as imagens poderiam, assim, ter suportes tanto mentais como materiais. Um dos objetivos principais desta definição abrangente seria inviabilizar qualquer hierarquização entre imagens “propriamente ditas”, que seriam estáveis, estáticas e permanentes, e imagens “metafóricas”, caracterizadas pela instabilidade e pela polissemia (Mitchell, 1986). Esta hierarquia tende a privilegiar alguns tipos de imagem como mais científicas e verossímeis – como os mapas e a fotografia, por exemplo – e desconsiderar o fato de que toda imagem material também é necessariamente instável e polissêmica. Partindo da ideia radicalmente inclusiva de que as imagens são uma “família”, o presente dossiê contém pesquisas sobre obras de arte, filmes, novelas, jogos de computador, revistas, obras literárias e até memórias. É por meio dessa diversidade que se busca estimular debates em torno de imagens que não se limitam às tradicionais fotografias e mapas apresentados nas aulas de geografia.

O artigo que abre o presente número da E&C trata da memória dos vinte anos do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC), lugar de criação da revista. Assinado por Zeny

Rosendahl, o texto faz um balanço desses últimos vinte anos, destacando o papel do NEPEC na difusão da geografia cultural. Embora não seja um artigo especificamente preocupado com o uso de imagens, a memória coletiva aparece aqui como um elemento central, considerando a contribuição do núcleo para a emergência de novas formas de se imaginar e representar a geografia cultural no Brasil.

O segundo artigo abre uma discussão mais específica sobre as relações entre as imagens e a pesquisa geográfica. Concebendo as imagens não apenas como ilustração ou como um suporte a ser criticado a partir da seletividade de suas formas, mas como um instrumento de percepção e compressão do mundo, Letícia Parente Ribeiro e Paulo César da Costa Gomes apresentam uma reflexão sobre novas possibilidades do uso das imagens na pesquisa geográfica. Tendo como campo de estudo empírico o debate sobre os espaços públicos e suas visualidades, os autores nos estimulam a encarar a produção de imagens como uma forma de descrição de diferentes comportamentos e ordens espaciais.

Seguindo a linha de uma reflexão metodológica sobre o uso das imagens, o artigo de André Reyes Novaes apresenta uma discussão específica sobre as origens e apropriações dos conceitos de iconografia e iconologia. Considerando como estes conceitos vêm sendo usados nos trabalhos de geógrafos contemporâneos, o artigo discute as ideias da “escola” de historiadores da arte criada em torno do intelectual alemão Aby Warburg no início do século XX. Por meio de uma crítica ao método iconológico, busca-se problematizar caminhos de pesquisa que nos levam a associações simplistas entre imagens e totalidades históricas, ignorando a audiência e produzindo argumentos circulares.

Inaugurando uma série de artigos aqui reunidos com o interesse em refletir sobre as relações entre a geografia e cinema, o trabalho da geógrafa inglesa Cordelia Freedman, da Universidade de Nottingham, apresenta uma pesquisa empírica focada nas relações entre fronteiras e alteridade na América do Sul. A partir da análise do filme *Mi Mejor Enemigo*, realizado no Chile no ano de 2005, a autora traça relações entre o chamado Novo Cinema Latino-Americano e teorias relativas às noções de mobilidade, nacionalidade, gênero e diferenças étnicas.

O semiárido nordestino e as representações cinematográficas sobre a Caatinga são o objeto de estudo do artigo de Pedro Paulo Pinto Maia Filho. Ao focar no “olhar estrangeiro” de cineastas e personagens provenientes das grandes cidades brasileiras, o autor aborda as relações entre cinema e alteridade, considerando como os filmes feitos sob a ótica do litoral representam o “outro mundo” localizado no interior. Os filmes analisados no artigo contemplam produções consagradas do Cinema Novo Brasileiro e filmes recentes, onde personagens e paisagens promovem uma frequente reconstrução das representações do semiárido.

Seguindo com a leitura geográfica de produtos culturais amplamente difundidos para o grande público, o artigo de Leonardo Name trata de um objeto que, embora seja muitas vezes negligenciado pela Geografia, tem forte impacto na forma como os brasileiros imaginam suas cidades: as telenovelas. Através da análise dos espaços de circulação de dois casais homoafetivos, personagens da trama de um

famoso folhetim de televisão, o autor discute as relações entre representações espaciais, gênero e produção de bens de consumo de massa.

A maioria dos trabalhos que relacionam geografia e imagem geralmente foca sua atenção em representações estáticas, com as quais a audiência constrói uma relação passiva de absorção e consumo. Nesse sentido, o artigo de André L. Alvarenga traz uma novidade por tratar da produção infográfica do espaço no programa de computador chamado *Second Life*. A novidade aqui está no alto grau de interatividade que o usuário tem com a imagem observada, podendo se comportar com um “engenheiro de mundos”. O autor toma como caso de estudo os infográficos criados para representar as paisagens da cidade do Rio de Janeiro, identificando os diferentes ícones selecionados pelos usuários deste espaço virtual.

Como vem sendo colocado ao longo deste editorial, as formas de se imaginar e representar o espaço geográfico frequentemente não se limitam ao plano das ideias ou virtualidades, mas também se materializam na paisagem concreta pela qual circulamos. Por meio de fotografias tiradas na cidade paraense de Cametá nos anos de 2004 e 2005, o artigo de Elis de Araújo Miranda e Tamara Tania Cohen Egler parte de elementos concretos na paisagem para discutir os significados e intencionalidades envolvidas na construção da cidade. Buscando ler a paisagem urbana, as autoras identificam elementos relacionados à cultura ribeirinha, ao período pombalino, ao movimento da cabanagem e à presença dos portugueses. A paisagem aqui é lida como um texto, revelando sua relação com distintos períodos históricos.

Mas se a paisagem pode ser lida como um texto, um texto também pode nos dizer muito sobre as paisagens. Tratando das relações entre geografia e literatura, o artigo de Felipe Moura Fernandes se debruça sobre o pensamento geográfico na obra do romancista Lima Barreto. O autor utiliza a obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma* no intuito de criar uma tensão nas fronteiras entre Arte e Ciência, valorizando a produção literária como parte da história do pensamento geográfico. Além de evidenciar como os romances influenciam na criação de um imaginário espacial, o artigo busca apontar posturas metodológicas usuais no estudo da literatura pela geografia.

O entendimento de que o estudo do pensamento geográfico e suas imagens não deve se limitar à produção de um saber institucionalizado, acadêmico e normativo também está presente no artigo de Gustavo Soares Iorio. Tratando das representações da ideia de sertão na *Revista Interior*, publicada pelo extinto Ministério do Interior entre 1974 e 1989, o autor discute como as imagens criadas sobre o sertão podem legitimar ações e intervenções concretas sobre o território. Por meio de uma análise atenta aos personagens e grupos envolvidos em distintas fases da publicação da revista, a pesquisa buscou tomar a imaginação geográfica como uma prática social, identificando caminhos distintos de se imaginar e agir sobre o “sertão”.

Como as linhas do mapa de Anna Bella Geiger, que fogem das quadrículas e participam da "costura" do mundo, muitas imagens discutidas ao longo deste número da E&C participam ativamente da nossa forma de compreensão do espaço geográfico. Um filme representando a praça, a fronteira ou a Caatinga, um cenário tridimensional em um programa de computador, uma paisagem, um romance ou uma revista, não são, portanto, apenas re-apresentações de um mundo pré-existente, que se crê concreto. Estas imagens atuam ativamente na forma como qualificamos os lugares e agimos sobre os territórios.

Uma imagem mostrada na aula de geografia pode, assim, influenciar a forma como os alunos imaginam os continentes, os países ou mesmo a sua própria rua. Mas, apesar de mostrarem muitas imagens em sala de aula, poucas vezes os professores de geografia discutem os mapas, filmes e fotografias de forma interpretativa com seus alunos. Como aponta Gillian Rose (2003), em artigo que ganha tradução neste número da E&C, existe uma suposição comum de que nós, como geógrafos pertencentes a uma disciplina essencialmente "visual", já entendemos as imagens, e não precisamos nos ater com maior atenção às suas linguagens e formas de recepção. O artigo de Rose (2003) questionou a falta de uma reflexão sistemática sobre a visualidade na prática dos geógrafos e provocou intenso debate no meio acadêmico anglo-saxão. A autora utilizou como exemplo o "poder" do *power point* nas apresentações de seus colegas geógrafos, considerando como as imagens projetadas em uma sala escura dificilmente são questionadas e atuam corroborando e dando poder ao discurso do expositor.

A provocação de Rose suscitou muitas reações e gerou um debate interessante que pode ser consultado nas páginas do periódico *Antipode* (CRANG, 2003; DRIVER, 2003; MATLESS, 2003, RYAN, 2003, THORNES, 2004). Alguns consideraram que os argumentos de Rose (2003) seriam "supérfluos" e "ultrapassados" frente às novas tecnologias de uso das imagens (THORNES, 2004). Outros lembraram que o debate sobre o "visual" não é recente na geografia, pois, no início do século XX, os periódicos ingleses sobre o ensino da disciplina já debatiam com frequência o uso de imagens (DRIVER, 2003). O comentário escrito por Felix Driver (2003) foi também traduzido no presente número da E&C, por se tratar de uma crítica que endossa a necessidade de se dar maior atenção às imagens como um objeto de pesquisa com estatuto próprio na geografia. O autor ainda nos brinda aqui com um parágrafo escrito exclusivamente para o público brasileiro, onde apresenta os desdobramentos e a consolidação do debate sobre a visualidade na geografia anglo-saxã.

Para finalizar essa edição, a E&C oferece uma resenha escrita por Jörn Seemann, apresentando um livro que, certamente, tem muito a contribuir com os debates aqui expostos. O título do livro das geógrafas argentinas Verónica Hollman e Carla Lois desperta curiosidade imediata, evidenciando como esta obra, lançada no ano de 2013, é consulta obrigatória para aqueles que iniciam uma pesquisa sobre geografia e visualidade na América Latina: *Geografía y Cultura Visual. Los usos de las Imágenes en las reflexiones sobre el espacio*. Como bem coloca o autor da resenha, no livro em questão, os mapas,

fotografias, gravuras e gráficos não são apenas meios para “fazer geografia”, mas sim objetos e temas de pesquisa.

O interesse pela visualidade parece crescente na geografia brasileira e latino-americana. Multiplicam-se os grupos de pesquisa, monografias, dissertações, teses e seminários que vêm colocando a reflexão sobre as imagens como centro de suas atenções. Os caminhos metodológicos e objetos estudados são diversos, seguindo objetivos muitas vezes contrastantes. No entanto, é só a partir do diálogo entre essas diferenças que a geografia brasileira pode consolidar uma abordagem onde as imagens não são encaradas como um “objeto fechado”, mas como uma “fonte de interrogação” (NAVAS, 2007:23).

André Reyes Novaes

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOARD, C. Maps as Models. In: Chorley, R. J. and Haggett, P. (eds) *Models in Geography*. London: Methuen, 617-725, 1967.
- CRANG, M. The hair in the gate: visibility and geographical knowledge. *Antipode* 35:238–243, 2003.
- DRIVER, F. On geography as a visual discipline. *Antipode* 35:227–231, 2003.
- FOUCAULT, M. This is not a Pipe. In: Manghani, S. et al. *Images: a reader*. London. Sage Publications, 2006.
- KORZYBSKI, A. *Science and Sanity: An Introduction to Non-Aristotelian Systems and General Semantics*. 3rd edn. Lakeville: The Internal Non-Aristotelian Library, 1947.
- KRYGIER, J. e WOOS, D. Ce n’s pas le monde (This is not the world). In : Dodge, M. Kitchin, R. E. Perkins, C. *Rethinking Maps*. London and New York : Routledge, 2011.
- LOIS, C. e HOLLMAN, V. (orgs). *Geografia y Cultura Visual. Los usos de las imágenes en las reflexiones sobre el espacio*. Rosario: Protohistoria Ediciones. UNR, 2013.
- MATLESS, D. Gestures around the visual. *Antipode* 35:222–226, 2003.
- MITCHELL, W. J. T. *Iconology: Image, Text, Ideology*, Chicago, University of Chicago Press, 1986.
- NAVAS, A. M. et al. (orgs). *Anna Bella Geiger: territórios, paisagens, situações*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Anima Produções Culturais, 2007.
- ROSE, G. On the need to ask how, exactly, is geography “visual”? *Antipode*. 35(2):212–221, 2003
- RYAN, J. Who’s afraid of visual culture? *Antipode* 35:232–237, 2003.
- SARTRE, J.P. *A Imaginação*. Porto Alegre. RS: L&PM, 2009.
- THORNES, J. The visual turn and geography, *Antipode*, 36, 787–794, 2004.
- WOOD, D. *Rethinking the Power of Maps*. New York and London: Guilford, 2010.
- WRIGHT, J. K. Map Makers are Human : Comments on the Subjective in Maps. *Geographical Review* v.32, pp. 527-544, 1942.